

## Feira das Manas: empoderamento feminino, emancipação, união e sociabilidade nos discursos de pequenas produtoras em Palmas/TO

Juliana Abrão da Silva Castilho

Professora em Sociologia/Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins, Doutoranda em Ciências do Ambiente/Universidade Federal do Tocantins

<http://orcid.org/0000-0003-3487-3048>

[juliana.castilho@mail.uft.edu.br](mailto:juliana.castilho@mail.uft.edu.br)/[juliana.castilho@iftoc.edu.br](mailto:juliana.castilho@iftoc.edu.br)

Marina Haizenreder Ertzogue

Professora Titular em História do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente/Universidade Federal do Tocantins

<http://orcid.org/0000-0002-7854-736X>

[marina@mail.uft.edu.br](mailto:marina@mail.uft.edu.br)

### Introdução

O presente artigo é parte de uma ampla pesquisa sobre um grupo de mulheres que fundou uma feira visando empoderar-se economicamente. Este texto apresenta sua jornada discursiva, com foco nas categorias de análise: empoderamento feminino, emancipação, união e sociabilidade. A Feira das Manas é um coletivo feminino de pequenas produtoras da economia criativa, criada em novembro de 2018, na cidade de Palmas/TO. Produtores criativos aliam a subjetividade a fatores culturais como parte de um modelo produtivo e confeccionar produtos únicos com componentes artísticos e socialmente simbólicos (Castro & Figueiredo, 2016). As Manas (denominação autoatribuída pelas participantes do grupo) desenvolvem seus pequenos negócios nesse ramo, além de conjuntamente se unirem para conquistar melhores condições de vida e de autonomia. Essas são objetivos de desenvolvimento que permeiam muitos grupos organizados, tendo, neste caso o empoderamento feminino como eixo de conduta, para além de sua meta.

O levantamento das informações desta análise se deu entre os meses de janeiro de 2020 e dezembro de 2022. Esta pesquisa praticou a netnografia (Kozinets, 2014; Polivanov, 2014) e a etnografia (Geertz, 1989; Peirano, 2014), além de realizar entrevistas semiestruturadas, unindo as informações obtidas por meio de bricolagem metodológica (Denzin & Lincoln, 2006).

Todo o material produzido foi analisado a partir da perspectiva de Análise de Discurso (AD), proposta por Eni Orlandi (2015), linguista brasileira responsável por instrumentalizar conhecimento e técnicas para a construção de uma metodologia que contempla a linguística e as ciências humanas enquanto arcabouços teóricos para interpretação. A AD parte do pressuposto de que a linguagem é um meio de compreensão da realidade, quando os discursos interpretados exprimem processos sociais, políticos e culturais.

Durante a pesquisa de campo, percebemos a necessidade do uso da AD para investigar os discursos verbais e não verbais das Manas; para além do que é dito, buscamos verificar o que motiva a sensação de pertencimento ao grupo. À procura de empoderamento econômico e social, as feirantes desenvolveram laços sutis e relações enraizadas na união e na reciprocidade. Este artigo utiliza a AD, associando-a a teorias de gênero e sociabilidade, para investigar as formas de expressão das participantes do grupo. A busca de coletivos femininos por empoderamento, com um discurso bastante elaborado, têm sido cada vez mais constante na sociedade. O presente artigo procura contribuir com o tema relacionando discursos coletivos, comportamentos sociais, concepções, valores e crenças que subsidiam a coesão destas mulheres.

### **Delimitação teórica das categorias de análise**

Para este estudo, gênero é um importante marcador social. Os marcadores são características sociais, econômicas, culturais e políticas que ordenam a coletividade de forma, muitas vezes, arbitrária, influenciando a maneira como o indivíduo é visto pelos demais. São maneiras de estabelecer generalizações e, por vezes, geram estereótipos, ampliando discriminações e preconceitos em torno de pessoas, marginalizando-as, transformando a diferença em desigualdade (Almeida & Szwako, 2012). Essa categoria, bastante útil para a análise sócio-histórica, como salienta a historiadora estadunidense Joan Scott (1995), é suficiente para alavancar uma infinita gama de análises sobre uma feira composta somente por mulheres. Gênero representa uma construção simbólica, na qual são imputados atributos, igualmente simbólicos e imagéticos, que geram nos indivíduos expectativas de ações, relações e histórias de vida (Scott, 1995).

Modelos hegemônicos relativos a gênero criam espaços de normatividade e padronização que, entre a opressão e a emancipação, interferem na experiência humana. Esta pesquisa parte do pressuposto de que outras formas de perceber e atuar para reduzir as desigualdades de gênero são possíveis, em especial quando articuladas em grupo. Portanto, priorizamos manter o empoderamento feminino, entre as demais possibilidades de discussão, como eixo condutor deste artigo.

O empoderamento feminino é a resposta à subalternização da condição feminina. O empoderamento, ou *empowerment*, é uma categoria em constante reconstrução. Poder, conforme esclarece Michel Foucault (1979, 1996), historiador e filósofo francês, caracteriza ampla gama de relações de mando e obediência, por vezes sutil e profundamente conectadas a outros aspectos da vida coletiva, que direcionam a ação dos indivíduos em sociedade. Quando formuladas de maneira sistemática e coordenada, as atividades discursivas são meios de exercer o poder e, assim, orientar valores e comportamentos em uma coletividade (Foucault, 1996).

O empoderamento está inequivocamente relacionado à coletividade e a fatores culturais, sociais e políticos, mesmo quando a ação individual é relevante para entender um fenômeno observado (Carvalho, 2004). Trata-se de uma jornada de um grupo visando ao rearranjo das estruturas, macro e microssociais, e pressupõe-se a reorientação da dinâmica do poder em relação ao coletivo ou a uma categoria social (Friedman, 1996). Portanto, empoderar uma parcela de indivíduos que anteriormente permanecia em condição de subalternidade ou sujeição significa ampliar os mecanismos de igualdade, controle, autoridade e arbítrio, dentre outros. O empoderamento feminino tem como uma de suas consequências principais o término das situações de desigualdade no tratamento das mulheres na sociedade (Sardenberg, 2018). Para tanto, movimentos e teorias feministas se debruçaram em dar ênfase às estratégias de desenvolvimento social e econômico para as mulheres, em especial na América Latina (Marinho & Gonçalves, 2016).

Embora esteja submetida a uma conjuntura histórica e econômica, a Feira das Manas representa algo peculiar e inovador. São mulheres, muitas recém-chegadas a cidade, que buscam estabelecer pequenos negócios informais para conquistar independência. A sociabilidade (Simmel, 2006) é um aspecto bastante importante para compreender a dinâmica social das feirantes. É nos momentos em grupo que as participantes estabelecem laços e vínculos sociais, em um processo dinâmico e complexo que envolve interação e troca de experiências entre si.

A interpretação compreensiva implementada nesta pesquisa enfatiza como se deu, por parte das participantes do grupo, a ruptura discursiva com os estereótipos impostos

às mulheres. Para tanto, buscamos o que é excepcional e único nas ocorrências cotidianas, na vivência de campo, nas redes sociais e nos relatos nas entrevistas, para a compreensão do que poderia ter sido relegado à terceira margem pela ordem normativa tradicional: a história cotidiana de um grupo de mulheres (Dias, 1992). Esse esforço interpretativo procura contribuir com os estudos de gênero e suas interfaces com outros temas, como o da sociabilidade, para estabelecer outras perspectivas e novas formas de fazer e saber.

### **A Análise do Discurso**

O presente estudo investiga as repercussões orais, textuais e visuais das participantes da Feira das Manas como indicadoras das realidades vividas pelo grupo, por meio da Análise de Discurso na perspectiva de Eni Orlandi (2015). Esse modelo de análise é uma alternativa às formas tradicionais de pesquisa textual, pois propõe o entendimento de um plano discursivo que articula linguagem e sociedade, interpretando a partir do contexto sociocultural. A AD decorre da percepção de que a linguagem não é neutra, é parte da interação e da construção da realidade. A partir da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise, analisa textos escritos e falados, imagens e símbolos expressos por indivíduos ou grupos (Gonçalves, 2016).

O sentido da fala de uma pessoa tem abrangência sócio-histórica e cultural e pode ser orientada por fatores complexos, pois, para além da língua, há uma formação ideológica que envolve os posicionamentos das pessoas. Portanto, a percepção das circunstâncias materiais de existência é apenas parcialmente suficiente para a compreensão das evocações discursivas dos membros de um grupo. Para analisar o conteúdo subjetivo da fala e da expressão não verbal, é necessário conhecer os sujeitos que falam e o sentido dado por cada um a seu discurso, antes mesmo de realizar qualquer interpretação. Torna-se premente conhecer o arcabouço ideológico por meio do qual os sujeitos navegam simbolicamente. Nos discursos, pode-se perceber e identificar a influência de fatores coletivos, bem como dissonâncias entre padrões de comportamento, uma vez que todos podem exercer sobre outros indivíduos influência comportamental (Orlandi, 2015).

O presente estudo procura refletir sobre as condições anteriores e atuais da produção discursiva do grupo observado por intermédio da experiência científica. Seguindo a perspectiva de Orlandi (2015), a abordagem apresenta os discursos das participantes, os mecanismos de interação expressos e as estratégias de empoderamento utilizadas pelas integrantes da Feira das Manas.

## Método e instrumentos da pesquisa

A pesquisa exposta neste artigo buscou estabelecer um método de produção de dados e de análise adequados ao grupo pesquisado. No entanto, alguns dos padrões metodológicos ancestrais das ciências humanas, isolados, não seriam suficientes para a composição de dados em estudos, em especial, da análise do discurso, tendo em vista a perspectiva de gênero. Há, muitas vezes, necessidade de aderir a novas modelagens a fim de produzir conhecimento para a área, dada a especificidade de suas questões e a sutileza de seu objeto. Utilizar antigos parâmetros para tratar temáticas de gênero poderia configurar-se como a substituição de um sistema de dominação por outro (Dias, 1992).

Segundo o sociólogo estadunidense Wright Mills, “é por meio da imaginação sociológica que os homens esperam, hoje, perceber o que está acontecendo no mundo e compreender o que está acontecendo com eles, como minúsculos pontos de cruzamento da biografia e da história, dentro da sociedade” (Mills, 1965, p. 12). Essa percepção se expressa mais claramente por intermédio da fala e de todo o percurso empenhado, no qual o locutor baseia sua expressão, consciente ou não de seus desejos, tradições, valores e necessidades, nem sempre explicitamente verbalizados. Ler as entrelinhas do discurso é parte da promessa intelectual da sociologia, nesse sentido. Utilizar o amparo metodológico para realizar inferências válidas é uma capacidade viabilizada pela sistematização da conduta do cientista.

Para conceber um método adequado à Análise de Discurso do grupo observado, considerou-se o fenômeno abordado como as ações intencionais de indivíduos com arcabouços imaginários e ideológicos semelhantes, que têm finalidades específicas cujos sentidos podem ser mais bem investigados, uma vez que as comunicações e as divulgações do grupo expõem um modelo de empoderamento feminino. O início das atividades de pesquisa foi antecedido pela aprovação da pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Os dados da pesquisa que deu origem a este artigo foram produzidos entre janeiro de 2020 e dezembro de 2022, e sua estrutura foi construída por um processo de bricolagem metodológica (Denzin & Lincoln, 2006). Buscamos adequar os instrumentos de pesquisa por meio de netnografia e etnografia. Captar o discurso das participantes da Feira das Manas exigiu a observação de diversos canais de comunicação. O grupo utiliza fortemente as redes sociais como veículos de um discurso verbal e não verbal. Este último se expressa principalmente por intermédio de imagens na página do grupo no Instagram. Para tanto, utilizamos técnicas da netnografia para verificação e catalogação das interações do grupo (Kozinets, 2014; Polivanov, 2014). Esse modelo foi adotado, em primeiro lugar, porque as Manas são um coletivo de mulheres que iniciou sua atividade a partir das redes sociais.

O grupo foi fundado em uma comunidade do Facebook exclusivamente composta por mulheres, chamada “Indique uma Mana no Tocantins (IUMT)”. O IUMT é uma rede de apoio entre mulheres, e o acesso a ela se dá exclusivamente por convite. Nesse ambiente, reuniram-se pequenas produtoras, que na época tinham dificuldade de inserção nos espaços de vendas disponíveis na cidade e, por isso, planejaram uma feira. As Manas abriram um perfil coletivo no Instagram, o @feiradasmanaspmw, para divulgação da primeira feira e das participantes do grupo. Nele há vasta gama de registros do discurso coletivo desenvolvido pelas participantes, seja nos comentários realizados ou nas imagens publicadas.

A pesquisa *on-line* em comunidades adequa-se a grupos cuja existência e interação não dependem exclusivamente da Internet, embora sejam importantes para o desenvolvimento de suas atividades e, em especial, para a percepção de comportamentos discursivos que colaboram para a formação identitária do grupo. Atualmente, muitos grupos sociais interagem na Internet e, nessas ocasiões, expõem valores e comportamentos significativos para comunicar sua conduta, o que torna o fazer netnográfico parte relevante dos estudos dos coletivos humanos (Garcia, Standlee, Bechkoff & Cui, 2009).

A netnografia foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, pois o início de sua execução coincidiu com o advento da pandemia de COVID-19, em março de 2020. Na ocasião, os instrumentos de produção de dados foram remodelados em atendimento ao contexto e adaptados ao meio digital, às redes sociais e aos aplicativos de comunicação digital. Pudemos observar as atividades digitais desenvolvidas pelas Manas, que mantiveram um fluxo de feiras *on-line* e realizaram reuniões por meio de aplicativos de comunicação. No WhatsApp, nos foi dado acesso ao grupo em que estão presentes todas as feirantes, que utilizamos para a formação de um grupo de foco (Kozinets, 2014), com a finalidade de instrumentalizar a pesquisa enquanto não havia possibilidade de realizar observações em campo.

Outra parte dos dados produzidos pela pesquisa foi obtida a partir de observações de campo, características do fazer etnográfico (Geertz, 1989; Peirano, 2014). Esse processo de campo gerou diários descritivos e interpretativos das feiras e de reuniões realizadas pelas participantes. As observações em campo ocorreram nas edições oficiais e extraoficiais da feira, após o término do isolamento social, devido à pandemia de COVID-19, na cidade de Palmas/TO, e durante as reuniões das Manas para o planejamento de suas atividades. Foram observadas 22 edições de feira em 2021 e 2022, em pontos turísticos ou de grande concentração de pessoas na cidade. A maior parte dos eventos que acompanhamos ocorreu na Orla da Praia da Graciosa, no Parque Cesamar ou no Parque dos Povos Indígenas, duas vezes ao mês, de maneira itinerante.

A imersão no campo proporcionou mais interação e aproximação com as participantes da pesquisa e colaborou para enriquecer o conhecimento sobre a articulação do grupo, fornecendo informações e pautas abordadas nas entrevistas. A vivência e a escuta atenta, por diversas vezes, proporcionaram a observação de situações que posteriormente se transformaram em tópicos e questionamentos nos momentos das entrevistas, propiciando maior entendimento sobre as estruturas sociais e simbólicas que permeiam o discurso das participantes (Eckert & Rocha, 2008).

As observações das interações durante os momentos de feira e nas reuniões foram relevantes, pois essas ocasiões representam momentos ritualísticos do grupo, nos quais os comportamentos e os discursos, os ditos e os não ditos que colaboram para orientar as condutas dos indivíduos enquanto integrantes do grupo, são expressos “livremente”.

A realização de entrevistas semiestruturadas compôs outra fonte de informação. A seleção das entrevistadas foi feita por amostragem intencional, baseada na seleção de indivíduos que poderiam acrescentar, negar ou confirmar informações à pesquisa (Marconi & Lakatos, 2002). O tamanho da amostra das entrevistas foi construído pela técnica de amostragem em bola de neve. Trata-se de um tipo de amostragem não probabilística, que consiste em captar indivíduos que se adequem ao perfil desenhado para a realização da pesquisa, ou que tenham sido indicados por entrevistados anteriores. A realização, a transcrição e a leitura das entrevistas desencadearam um processo de avaliação da condução e direcionaram a busca de novas entrevistadas (Flick, 2004; Vinuto, 2016).

As 21 entrevistas foram realizadas com base em um roteiro semiestruturado, que continha temas e perguntas que colaboravam para o desenrolar da interação com as entrevistadas (Flick, 2004). Todas as entrevistas foram gravadas e imediatamente transcritas com fidelidade a todos os aspectos da fala, com pausas e demais verbalizações das entrevistadas e da entrevistadora. Após a transcrição, todas as informações foram inseridas em um software adequado para a manipulação de dados qualitativos, Atlas.ti, fundamental à organização de todo material, tendo em vista o grande volume de informações produzidas.

A fase de análise de todo o conteúdo discursivo foi composta pela descrição do grupo e pela interpretação do discurso. Para Orlandi,

É necessário introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação (Orlandi, 2015, p. 60-61).

A partir da delimitação do *corpus* discursivo, realizamos a interpretação do discurso com o arcabouço acadêmico disponível.

### **A feira e as Manas: somente uma questão de gênero?**

A Feira das Manas surgiu como uma forma de contestar as imposições de gênero, em especial as imputadas às pequenas produtoras que se viam apartadas do comércio local, inclusive do circuito de feiras da capita. A iniciativa de formação do grupo de pequenas produtoras e artesãs surgiu em uma comunidade do Facebook chamada “Indique uma Mana no Tocantins (IUMT)” e rapidamente se tornou um meio de empoderamento social e econômico de mulheres na cidade de Palmas/TO. A comunidade é um ambiente que estimula a união e a cooperação entre mulheres. A publicação que deu origem à feira ocorreu no dia 28 de novembro de 2018. Nela, uma das participantes propôs a criação da feira.

Meninas, queria jogar uma ideia para o grupo. Fazer uma feira só com produtos feitos por nós mulheres lá na praça dos povos indígenas. Pensei que nessa época de Natal poderíamos incentivar a compra do pequeno produtor e não aumentar mais lucros das grandes empresas (Ex-feirante 1, fundadora e ex-coordenadora do grupo da Feira das Manas, em publicação no histórico da comunidade Indique uma Mana no Tocantins, Facebook).

A feira nasceu de uma convocação ao empoderamento econômico, muito característica do movimento feminista, que buscou direcionar as mulheres para lutar contra a opressão relacionada ao modelo econômico, em especial associado a outras características excludentes. Para as ativistas sociais, tanto quanto para as cientistas que tratam de gênero enquanto categoria de análise, o tema do feminismo não consiste apenas em alcançar a igualdade legal, mas também em promover a igualdade de fato. Este trabalho pretende refletir sobre os discursos que subsidiam a Feira das Manas e como eles se relacionam com os pensamentos feministas.

Apesar de a movimentação em torno da constituição da feira na publicação no IUMT ter gerado cerca de 70 comentários, além de republicações, e fomentado uma primeira tentativa de fazer a feira em 2018, esta não pôde ocorrer. O pedido de autorização para a realização de um evento antes do Natal daquele ano foi negado pela administração pública, segundo relatos das feirantes. A mobilização para a elaboração de um projeto para formalizar o pedido das autorizações cabíveis integra um discurso coeso reproduzido pelas fundadoras do grupo como parte do empenho pela efetivação das atividades. A reunião das mulheres em torno do ideal empoderador foi uma saga expressa em sua fala



como uma luta de superação empenhada pelas primeiras participantes, bem como pelas demais.

Decidimos fazer uma reunião no Cesamar [parque da cidade]. Marcamos de no dia “tal” para conversar. O grupo [comunidade da rede social] tem mais de quatro mil pessoas, quatro mil mulheres e foram dez mulheres só [à reunião]. Dessas dez, cinco não quiseram participar. Decidimos montar a feira só nós cinco (Feirante 15, 54 anos, vende bolos e sucos e coordena a Feira das Manas).

A partir daquele momento, as Manas passaram a ter *corpus*, motivação, objetivo e discurso coeso e perfis nas redes sociais. O Instagram passou a ser seu principal meio de divulgação coletiva e um importante veiculador do discurso do grupo. O levantamento netnográfico observou diversas publicações que demonstravam, seja por meio da imagem, ou da linguagem, o caráter agregador e empoderador da feira. A Figura 1, que convida outras mulheres a expor, reflete esse modelo de atuação e transmite diversas mensagens ao mesmo tempo. Nela, a utilização de uma releitura da imagem da pintora Frida Kahlo serve de fundo para o convite para expositoras.



**Figura 1.** Reprodução de publicação do perfil Instagram da Feira das Manas, em 4 de janeiro de 2019.

**Fonte:** Instagram Feira das Manas (2019).

A arte popular transformou a imagem da pintora mexicana Frida Kahlo (1907-1954) em um símbolo de resistência ao patriarcado. O descompromisso em seguir padrões socialmente impostos às mulheres marcou a trajetória de vida da artista. Muitas de suas obras surrealistas fazem alusão a temas tipicamente femininos. Sua imagem foi rapidamente associada aos movimentos feministas, em especial na América Latina. A

história da luta emancipadora da pintora, seu descompromisso com padrões sociais, a sua irreverência, seus questionamentos às convenções estéticas e sua contraposição ao patriarcado são mensagens não textuais transmitidas às novas ingressantes da feira.

Segundo Orlandi (2015, p. 40), “na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições”. A adoção da imagem de Frida Kahlo representa a adesão a um determinado tipo de comportamento e uma certa intencionalidade das Manas. O caráter emancipatório de mulheres que a feira demonstra é uma dessas intencionalidades. A legenda da publicação fornece as informações necessárias ao cadastro de novas participantes. A participação de expositoras exclusivamente mulheres não é diretamente explicitada nessa publicação, mas é cordialmente exposta no convite ao público para a primeira feira. A Figura 2 mostra a divulgação do primeiro evento, em 19 de janeiro de 2019, que reafirma o caráter de empoderamento feminino e independência ao patriarcado, declarando a participação somente de expositoras mulheres, porém convidando também os homens a prestigiarem o evento enquanto frequentadores e, claro, consumidores, por se tratar de uma atividade comercial.



**Figura 2.** Reprodução de publicação do perfil Instagram da Feira das Manas, convidando o público a participar da primeira edição do evento, em 19 de janeiro de 2019.

**Fonte:** Feira das Manas (2019).

É importante perceber o recebimento da mensagem pelo receptor principal: o público da feira. A adesão à ideia de uma feira exclusivamente formada por vendedoras é reforçada não apenas pela imagem, mas também pela legenda. Ao lado da foto, além da legenda, nos comentários, o caráter libertário e empoderador da feira fica explicitado. A mensagem de empoderamento transmitida foi decodificada, e o discurso empreendido pelas participantes é veiculado e aceito pelo público. Essas primeiras publicações são

significativas, pois são arcabouço da expressão gráfica e discursiva daquilo que compõe, substancialmente, a identidade coletiva do grupo. Para Orlandi (2015, p. 41), “as identidades resultam desses processos de identificação, em que o imaginário tem sua eficácia”. Imagem, legenda e comentários feitos pelas participantes são um componente importante, um enunciado para si e para os demais sobre quem são as Manas. Nas publicações da feira, não há qualquer dissonância de discurso, nem no perfil da feira, nem nos comentários dos seguidores da página

Quanto à presença de feirantes do sexo masculino, as feirantes são rigorosas em não permitir, apesar de já haverem recebido solicitações nesse sentido. Foi relatado que, por diversas vezes, foram questionadas se expositores homens poderiam participar. Em todas as ocasiões, foram informados de que não poderiam. Durante a vivência de campo, presenciei uma das coordenadoras instruindo uma feirante de como proceder caso necessitasse se ausentar temporariamente de sua banca. Em casos como esse, as feirantes são orientadas a pedir ajuda umas às outras, ou a uma das coordenadoras do grupo, jamais ao esposo ou aos filhos do sexo masculino que porventura estejam próximos dela.

Após o primeiro ano, a feira consolidou uma imagem pública, uma logomarca e um padrão de comportamento que colaboram para entender a ordem discursiva do grupo. A partir de 4 de setembro de 2019, nas redes sociais e nos eventos formais, a feira ganhou uma nova logomarca (Figura 3), presente nas publicações, na camiseta usada por todas as mulheres do grupo durante as feiras e exposta em banners e placas que fazem a divulgação de sua imagem.



**Figura 3.** Logomarca adotada pela Feira das Manas.

**Fonte:** Imagem cedida à pesquisadora pela coordenação da feira.

Durante o processo de observação dos eventos da feira, uma das participantes declarou que a elaboração da logomarca foi uma tarefa bastante desafiadora por dois motivos. O primeiro deles foi encontrar uma profissional de design para realizar a proposta, pois o grupo se mostrou avesso a ter uma marca desenhada por um homem. Conforme a justificativa que nos foi dada, sendo este um movimento que busca empoderar mulheres, deveria manter-se fiel a esse propósito, priorizando a contratação de serviços do público feminino, conforme o relato. O segundo desafio exposto foi elaborar uma imagem que transmitisse o que a feira representa, não apenas mantendo a diversidade das *personas* que compõem as Manas no desenho, como também representando as diversas faixas etárias das integrantes da feira (Figura 4). O grupo intencionalmente confere um sentido à sua trajetória. Esse sentido, impresso no discurso, segundo Orlandi (2015), é fruto de uma postura política, ou seja, o que deve ser dito pelos integrantes de um grupo em meio a um determinado contexto sócio-histórico que dá à fala o sentido, ou direcionamento. A imputação de um sentido é sempre ideológica, pois reside no efeito que a fala, a imagem ou qualquer outro componente discursivo pretendem causar.

Um ano após sua fundação, o grupo era composto por 40 expositoras e coordenado por 5 participantes. Nesse momento, as Manas se apresentam enquanto movimento e projetam crescimento e continuidade.



**Figura 4.** Reprodução de publicação do perfil Instagram da Feira das Manas, em 13 de janeiro de 2020, um ano após o início das atividades.

**Fonte:** Feira das Manas (2020).

A apresentação do grupo de pequenas produtoras, que até então era composto majoritariamente por artesãs, enquanto movimento social, aproxima o grupo das bandeiras simbólicas da luta das mulheres brasileiras, reforçando o caráter sócio-político de suas manifestações públicas.

As feministas, como expressão de uma das vertentes deste movimento, traduzem a rebeldia das mulheres na identificação de sua situação de subordinação e exclusão do poder, e buscam construir uma proposta ideológica que reverta esta marginalidade. Sua concreção se dá a partir da construção de uma prática social que negue aqueles mecanismos que impedem o desenvolvimento de uma consciência como ser autônomo e que supere a exclusão (Soares, 1994, p. 15).

No Brasil, a pauta feminista se aproxima das associações de luta pelos direitos humanos, dos sindicatos e dos partidos políticos progressistas e elabora propostas para mudar a realidade social das mulheres. A Feira simboliza essa perspectiva. Uma associação, ainda que informal, que objetiva, por meio da união, empoderar mulheres.

A feira é um projeto. Não é uma associação. É um projeto que vai se renovando. Todos os dias mulheres saem, mulheres entraram e mulheres retornam. Mulheres que estão ali só pela experiência. Mulheres que não estão ali para vender. Mulheres que não estão somente por causa da renda, o que elas vendem na feira não faz diferença. Mulheres que estão ali para vender, porque a partir da feira mudaram de vida. Mulheres que adquiriram estima e que não tinham nenhuma. A gente não quer uma feira parada, só para vender. Longe disso! Mas muito longe disso! A nossa feira é uma feira que realmente tem um propósito. E objetivos! Nosso objetivo é ter uma socialização muito maior do que a gente já tem (Feirante 15, 54 anos, vende bolos e sucos e coordena a Feira das Manas).

O discurso elaborado e replicado tem uma função. Para a AD, o que é emitido por um sujeito busca solidificar o conjunto das representações e formas imagéticas que dão coesão às práticas do grupo. O emissor do discurso, ou autor, tem um papel, não é um sujeito passivo sobre o qual a ideologia se impõe. Segundo Orlandi, o discurso “funciona de modo a assegurar a permanência de uma certa representação. Para isso, diríamos, há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, um projeto que o converte em autor” (Orlandi, 2015, p. 72).

Para as Manas da feira, o empoderamento está relacionado à causa da autonomia econômica e representatividade social, como exprimem os relatos transcrito. Diversas são as maneiras de estabelecer relação imagética entre discurso e prática, e uma das mais verbalizadas foi a ideia de pertencimento e acolhimento, porém há outras interfaces, detectadas na pesquisa que foram percebidas.

### **A construção da retórica da união e da sociabilidade no discurso das Manas**

A expressão verbal das Manas é um importante relato histórico sobre a adesão de mulheres a movimentos de empoderamento. É fundamental reconstruir sua história com base na vida cotidiana, uma vez que os documentos históricos e livros constantemente revela somente a história dos homens. Para entender os discursos de empoderamento feminino e sua importância, é fundamental perceber as interlocutoras enquanto personagens e narradoras da própria história e sua visão de mundo, conforme esclarece Lagarde (1996).

Relatar a história das mulheres vai muito além de determinar o papel desempenhado por indivíduos do sexo feminino em uma determinada sociedade, pois essa perspectiva exclui a possibilidade de que esses indivíduos influenciem de alguma maneira o desenvolvimento econômico ou tecnológico das sociedades, encarando as mulheres como performances em um papel secundário. O registro do feminino ao longo da história, e, em especial, antes da aparição do gênero enquanto categoria de estudo das ciências, se atém às vidas cotidianas, e a busca por fatores sociais é feita nas análises desses registros e na interpretação de seu contexto. Assim se chega à compreensão da memória do feminino (Perrot, 1989). A ideia de utilizar a feira como meio de integrar-se à cidade, por diversos meios, é recorrente no relato sobre a história da feira narrado pelas participantes.

Eu estava desbravando, eu estava começando a costurar e eu estava fazendo “na raça” mesmo. Quando vi a oportunidade [da feira], eu falei: “vou me cadastrar!”. Teve algumas meninas que estavam falando nos comentários [da página do Facebook]: “Mas Palmas nem população tem para essas coisas, vai ficar só a gente lá! E ninguém vai comprar nada!”. Aí eu pensei: “Que coisa, né?! Mas pode acontecer! Bora ver? Vamos tentar!”. E aí persistimos (Feirante 8, 30 anos, vende bonecas e acessórios em tecido na Feira das Manas).

O termo “desbravar”, utilizado junto à expressão “na raça”, atribui significado de superação das dificuldades encontradas ao iniciar uma nova atividade. A persistência ante a instabilidade momentânea e a incerteza de sucesso reforçam o sentimento de coesão enquanto fator de sociabilidade do coletivo. Essa formação discursiva é recorrente, sua repetição é comum em formações discursivas de grupos. Segundo Orlandi, a repetição histórica “permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido” (Orlandi, 2015, p. 54). Para as Manas, as narrativas surgiram relacionadas à realização pessoal e com a ideia de rompimento de barreiras sociais por meio da vinculação ao grupo.

Cada pessoa constrói sua cosmovisão sobre o feminino na sociedade, tendo por base seu arcabouço sociocultural e suas experiências pessoais. O estabelecimento dos primeiros laços com a feira e a transformação identitária para o empoderamento, segundo relatos de muitas delas, se deram ainda na primeira participação. A visita ao ambiente informal, no qual mulheres confraternizavam, independentemente de ali estabelecerem um espaço de vendas, foi decisiva para a permanência de muitas das participantes. Sobre o ambiente da feira, as declarações expressam a forma como o grupo se articula de maneira solidária e afetuosa.

As meninas são ótimas! É igual eu falei pra coordenadora. Eu estava querendo ir embora, porque é difícil, aqui é só a gente, não tem ninguém, né? E depois que eu comecei na feira me deu outro ânimo. É excelente estar aqui com as meninas. (Feirante 18, 30 anos, vende laços de fita e acessórios infantis e coordena a Feira das Manas).

E o que me atraiu para a feira foi porque eu tava meio naquele negócio de voltar pra Belo Horizonte. Minha loja tá dando certo, mas sinto muita falta da família. Aí, a feira me acolheu. Então, eu fiquei muito amiga de uma Mana também e me supriu essa falta da minha família de longe (Feirante 19, 42 anos, vende pinturas sobre tela na Feira das Manas).

Sendo Palmas/TO uma cidade planejada como um projeto de urbanização do interior do Brasil, faz-se necessário refletir como o lugar é compreendido pelas Manas. Aos cidadãos, como nomeou o historiador francês Michel de Certeau (2014), os “praticantes ordinários da cidade”, cabem a leitura e a análise da forma urbana. As pessoas, para além do poder público e dos agentes econômicos, têm a capacidade de deixar suas marcas no espaço que habitam. O conceito de cidade sustentável e sua relação com a qualidade da vida de seus habitantes foram amplamente usados tanto no setor imobiliário, quanto por gestores públicos, que utilizaram a imagética da cidade como mecanismo de atração de novos habitantes, fundada em 1989 (Teixeira, 2009). A maioria das Manas é parte desses recém-chegados, e a necessidade de acolher e ser acolhida em um grupo social que dê significado e sensação de pertencimento, permeia toda sua lógica discursiva, como demonstram os trechos de entrevistas abaixo.

Eu vim de fora, mas toda grande cidade é constituída de pessoas que vêm de fora. Que têm ideias diferentes. São cabeças diferentes. Que fazem realmente uma cidade crescer. Principalmente em uma capital. Eu não me senti acolhida aqui. Quando eu tive a oportunidade de acolher, eu me coloquei no lugar da pessoa e pensei: “A forma que eu me senti, eu não quero que você se sinta. Então vamos acolher as mulheres e vamos, a partir da nossa união, fazer diferença. Começar a fazer alguma coisa nova aqui na cidade” (Feirante 19, 42 anos, vende pinturas sobre tela na Feira das Manas).

Hoje ela [a feira] é uma parte muito importante pra mim. É uma parte que eu posso doar às pessoas, né? E não é só pelo trabalho. Eu posso me doar no convívio com as outras mulheres. Outras Manas. E ver a situação de cada uma e tentar ajudar de alguma forma, nem que seja com uma palavra, com um carinho, ou alguma coisa (Feirante 17, 68 anos, vende bolos e biscoitos decorados e coordena a Feira das Manas).

Nas cidades modernas, a solidão e o isolamento são uma percepção bastante comum. Porém, formações discursivas (Orlandi, 2015) como essas destoam das intencionalidades urbanísticas dos gestores públicos, uma vez que os modelos de planejamento urbano têm arcabouço ideológico bastante limitado. A modernidade se constituiu de tal forma que as relações entre as pessoas se fragilizaram, a ruptura é uma das possibilidades discursivas. A individualização da sociedade moderna é parcialmente estabelecida pelo modelo de vida das grandes cidades e pelos rígidos padrões de comportamento impostos pelo modelo econômico e social de vida. Convivência, socialização e associação coordenam, nas cidades contemporâneas, os processos de sociabilidade (Simmel, 2006). A crescente individualização na modernidade é o principal fator de distanciamento das pessoas.

Isso possibilita ao indivíduo passar rápida e facilmente de um meio moral a outro, e encoraja a experiência fascinante, mas perigosa, de viver ao mesmo tempo em vários mundos diferentes e contíguos, mas de outras formas amplamente separados. Tudo isso tende a dar à vida citadina um caráter superficial e adventício; tende a complicar as relações sociais e a produzir tipos individuais novos e divergentes (Park, 1976, p. 61).

As Manas se percebem como um grupo de mulheres que manifesta em seu discurso o caminho usado para subverter a situação de solidão, individualização e exclusão da esfera pública a que muitas estão submetidas: a união. A unidade do grupo, enquanto símbolo, é um forte produtor de sentidos (Orlandi, 2015), pois aparece na fala das integrantes como um processo que atua na estrutura o grupo, não somente no nível discursivo, mas também na materialidade das ações. A estabilidade de vínculos proporcionada pela relação das participantes da feira foi verbalizada por várias delas nas entrevistas.

A sociabilidade do grupo e sua capacidade agregadora foram colocadas à prova durante os anos de 2020 e 2021, quando o mundo sofreu com a pandemia de coronavírus (COVID-19). As Manas passaram por diversas situações de dificuldades e não puderam se encontrar para realizar feiras ou em reuniões de planejamento. Ainda assim, a retórica de unicidade manteve-se constante nos discursos, conforme podemos observar na publicação da Figura 5 e nas entrevistas realizadas ao término do pior período de pandemia.





**Figura 5.** Reprodução de publicação do perfil Instagram da Feira das Manas, em 14 de maio de 2020.

**Fonte:** Feira das Manas (2020).

Não poder ir à feira interagir com as outras artesãs, não poder divulgar o nosso trabalho, é deprimente, é triste (Feirante 6, 61 anos, vende peças decoradas de MDF na Feira das Manas).

Segundo relatos, a feira dá às Manas um sentido de pertencimento tão importante quanto o empoderamento econômico gerado pelo retorno financeiro do comércio pelos canais de venda disponíveis no grupo. Nela há o acolhimento das recém-chegadas à Palmas/TO, que ainda não se sentiam parte da comunidade local. Na lógica da dinâmica urbana, a rua, as praças e as áreas verdes em que ocorrem as feiras são usualmente um lugar em que somos anônimos. Para as feirantes, esses ambientes são locais de trocas de experiências, diversão, sociabilidade e pertencimento. Na feira, laços são criados entre as feirantes e com seus fregueses, e a sociabilidade é desenvolvida tal qual uma habilidade (Vedana, 2013). A sociabilidade é transposta para a ordem discursiva como alegria, solidariedade e camaradagem, explicitadas nas expressões orais em grande parte das entrevistas de forma recorrente, e observadas no acompanhamento ao grupo durante as reuniões para planejamento e em diversos encontros promovidos para confraternização. Nas ocasiões de feira, a interação informal e festiva das Manas, entre si e com os frequentadores é constante, mas ocorre sobretudo durante as edições especiais, nas quais há apresentações artísticas, oficinas e brincadeiras, como no registo fotográfico abaixo.



**Figura 6** Registro fotográfico durante a realização da Feira das Manas em outubro de 2022, na Praia da Graciosa, em Palmas/TO.

**Fonte:** Arquivo pessoal (2022).

A fotografia é bastante representativa do grupo, composto por mulheres de diferentes faixas etárias, classes sociais e descendências étnicas. A mais jovem Mana tem apenas 14 anos, é uma pintora que, com sua mãe, expõe suas obras para a venda. A integrante mais idosa tem 67 anos, é confeitadeira e faz biscoitos decorados e panificação. Esses dois extremos etários são parte do grupo, cuja média de idade é de 54 anos. Durante as observações e as entrevistas, várias dessas mulheres manifestaram que escolheram as atividades do ramo da economia criativa por ter se mostrado uma maneira mais rápida e fácil para empoderar-se economicamente, pois são atividades que realizavam em suas vidas cotidianas e dominavam as técnicas de execução. Além disso, muitos relatos demonstraram que as feirantes utilizam a produção de peças artesanais e alimentos como forma de expressar sua criatividade e relaxar da rotina de trabalho ou de cuidados com o lar ou com os filhos. Foi relativamente comum, durante os momentos de observação, testemunhar uma feirante se responsabilizar pela banca de sua vizinha de feira, enquanto esta visita outras bancas ou confraterniza com outras feirantes, como na imagem acima.

Esse calor humano, essa energia que as amigas têm, o contato com os trabalhos diferentes, de outras artesãs é e que é maravilhoso. É tão gratificante a gente conhecer outras pessoas, que têm um objetivo e que têm dons manuais, igual a mim. Para mim, a feira é como ir a uma festa, é um encontro, é uma alegria muito grande. E o bom é a diversidade, não só de trabalho, mas de pessoas (Feirante 3, 44 anos, vende bonecas de pano na Feira das Manas).

A gente sempre se abraçou muito, sempre conversou e sempre foi muito alegre, com circo, com cantora. A feira, para quem participa como feirante,

é um evento para rever as amigas e participar de um dia muito ativo e muito feliz (Feirante 15, 54 anos, vende bolos e sucos e coordena a Feira das Manas).

É importante ressaltar que todo discurso apresenta aquilo que está explicitado (o que foi dito) e o que não foi comunicado oralmente (ou não dito), mas está implícito no discurso ou é parte de componentes comportamentais e/ou culturais (Orlandi, 2015). Buscar o que não foi expresso, mas está presente no intertexto, é parte da análise do discurso. O não dito pelas Manas é o processo de solidão e isolamento causado pela dedicação exclusiva ao lar e à família em um lugar (cidade) novo, no qual uma teia de relações sociais ainda não foi bem estabelecida, ou está ausente. A busca pela sociabilidade (Simmel, 2006; Vedana, 2013) se reflete no discurso de união, de pertencimento e de solidariedade, nas falas das feirantes, ou quando expressam como é uma alegria se sentir acolhida no grupo da feira. Percebemos que a sociabilidade é um dos fatores de integração entre as participantes que as mantem unidas e coesas. Outro fator advém do empoderamento social e econômico, que é discutido a seguir.

### **A feira: meio de emancipação de pequenas produtoras e artesãs**

As Manas se veem como empreendedoras autônomas e não enquanto feirantes, na acepção tradicional do termo. Assim como as mulheres observadas por Mayara Silva (2021) na feira do Ver-o-Peso (Belém/PA), elas ressaltam sua capacidade de empreender e ser autônomas, embora sejam trabalhadoras informais de um setor bastante marginalizado e precarizado.

Atividades relativamente comuns no Brasil, as feiras de produtos artesanais se popularizaram nos aglomerados urbanos, integrando a dinâmica de produção e venda de bens culturais. A maior parte agrega à venda de artigos artesanais diversos produtos de consumo consciente (sebos e brechós), mercadorias industrializadas e alimentos de tipos variados, para consumo imediato ou doméstico (Vieira, 2014).

A Feira das Manas foi um mecanismo agregador das mulheres que viviam individualmente a realidade desse ramo da economia. Em um primeiro momento, atraiu, em sua maioria, artesãs com histórias de vida semelhantes ao relato abaixo.

Eu comecei a trabalhar com artesanato depois que tive filho, desde que tava grávida e depois, com uma criança pequena e eu não tinha como trabalhar fora, porque queria me dedicar a cuidar da minha filha. Eu queria uma forma de trabalho mais flexível, para ter mais tempo para ficar com ela, eu comecei a investir em artesanato (Feirante 11, 30 anos, vende bonecos em crochê na Feira das Manas.)

Às práticas manuais que produzem bens de uso e consumo é dado o nome de artesanato. O fazer artesanal subordina o uso de equipamentos e ferramentas, moldando a matéria-prima à vontade artística do artesão. O indivíduo tem domínio total da produção e imprime no fruto de seu trabalho fatores simbólicos, culturais e estéticos, valores, costumes e crenças individuais e/ou do grupo com qual se identifica (Lima, 2005).

Tradicionalmente, desde a infância, às meninas se destinam as atribuições de cuidados domésticos e com a prole, que são facilmente percebidas nas brincadeiras e nos brinquedos infantis. Esse tipo de preparo para a fase adulta se reflete nas famílias e no mercado de trabalho, e explica a proximidade de mulheres com o artesanato.

A vida moderna requer que sejam executadas atividades domésticas além das atividades laborais. Esse “segundo turno” engloba uma série de estratégias de gerenciamento da profissão e dos afazeres domésticos para as mulheres. Tal negociação pode ser conflituosa, requerendo a construção de uma identidade relativamente coerente para o indivíduo, que, além das atividades laborais, necessita cuidar da casa, dos filhos e manter uma relação afetiva no ambiente doméstico (Hochschild & Machung, 1998).

Hoje eu vejo que, como mãe, o quanto que a feira deu um impacto na maternidade. Quando eu tive meu filho, eu saí do mercado de trabalho, porque, após a licença-maternidade, eu fui despedida. Ou melhor, gentilmente retirada da minha função. Então eu não sabia o que eu iria fazer, porque, depois que eu o tive, eu fiquei espalhando currículo e não adiantava nada. Minha sogra tinha uma máquina em casa, e ela costurava pouco. Eu falei: “Pô, vou me aplicar” e fiquei pesquisando sobre a área da costura. Vi que é sempre bem aproveitado em todas as áreas possíveis, é uma grande variedade de coisas que dá para fazer (Feirante 8, 30 anos, vende bonecas e acessórios em tecido na Feira das Manas).

O mercado de trabalho afasta mulheres com filhos. O mais tradicional modelo de unidade familiar, sobre o qual os estudos de gênero se erigiram, se refere à família nuclear, em que a distribuição de poder é desigual entre homens e mulheres, e as atribuições domésticas se centralizam nelas (Sorj, 1992). A história das mulheres vai muito além de determinar o papel desempenhado por indivíduos do sexo feminino em um tempo social. Essa visão exclui a possibilidade de que elas influenciem, de alguma maneira, o desenvolvimento econômico ou tecnológico dos povos, colocando-as em papéis secundários ou de subalternidade.

Nesse sentido, o artesanato também pode ser uma estratégia de resistência econômica ou complementação de renda. Enquanto trabalho informal, a manifestação artística artesanal se caracteriza, em cada local do país, em relação a componentes históricos e regionais.

Então, eu sempre trabalhei, e sempre tive um dinheirinho meu, né? E sempre foi muito bom pra mim. Mas pra muitas mulheres essa não é uma realidade. As mulheres são criadas pra ser bonequinha, né? Aquela bonequinha de estimação que a mamãe faz tudo e ela fica lá no pedestal. E depois, quando ela se vê no mundo, ela fica perdida, porque ela não sabe como ela vai fazer e o que que ela vai fazer. Como é que ela vai proceder para se manter? Se ela perde aquele círculo em ela vive, ela fica sem chão. Muitas mulheres foram criadas assim (Feirante 17, 68 anos, vende bolos, biscoitos decorados e panificação sem glúten e coordena a Feira das Manas).

A inserção no mercado de trabalho não retirou obrigações socialmente destinadas à mulher com relação a afazeres domésticos e cuidados com filhos. Sendo assim, muitas buscam ocupações que, ao mesmo tempo, propiciem renda e ocasionem flexibilidade para a realização de outras atividades, ou que lhes permitam permanecer no lar. O artesanato, a panificação, a confeitaria e a venda de pequenos produtos são atrativos para as mulheres, mesmo as que não se encontram em situação de desemprego (Martelo & San Román, 2007).

A dinâmica laboral do fazer artesanal é associada às práticas manuais tradicionalmente atribuídas às mulheres. A formação de redes de apoio entre pequenas produtoras é uma maneira de as artesãs se adaptarem às novas tendências de mercado. A gestão solidária é um mecanismo eficaz para a inserção das redes de artesanato e pequenos comerciantes locais, aumentando, assim, a estabilidade econômica de grupos socialmente marginalizados e de pessoas em situação de desemprego e que têm baixa renda e/ou escolaridade (Lira; Gonçalves & Cândido, 2007).

A retórica discursiva das integrantes da feira reflete esse reposicionamento global de pequenas redes de produtores, unindo mecanismos produtivos ao discurso empoderador do feminismo. Movimentos como esse colaboram para rearranjar o jogo de forças econômicas e sociais, em especial com foco nas dinâmicas da diversidade. A Feira Cultural da Diversidade LGBTQIAP+, organizada pela Parada LGBTQIAP+, de São Paulo, há mais de 20 anos, alia a promoção dos direitos humanos à geração de renda para empreendedores LGBTQIAP+. A Feira Preta, iniciada em 2002, é outro exemplo de como se alia a visibilidade de pautas sociais e econômicas. Exclusiva para empreendedores negros, este é um importante mecanismo de político e social que, além do evento presencial, mantém uma loja *on-line* que atende todo o Brasil. Esses e outros projetos procuram criar uma rede de apoio para pessoas que, usualmente, encontram resistências para competir no comércio urbano tradicional. Para as Manas, um grupo exclusivamente feminino, representa uma forma de receber e dar apoio a pequenas comerciantes informais e, assim, empoderá-las.

Pensa numa feira que tem bancas, mas que tem dois lados, que tem o lado social. Você vai encontrar na feira mulheres que fazem um trabalho com excelência, mas não tinham oportunidade de vender. [...] É um ambiente muito agradável, onde todo mundo tem o mesmo pensamento: o crescimento e o fortalecimento da outra. Ninguém está pensando só em si (Feirante 15, 54 anos, vende bolos e sucos e coordena a Feira das Manas).

A importância da feira é a relevância do objetivo, que é ser uma feira motivadora e do empreendedorismo feminino (Feirante 7, 39 anos, vende panos de prato bordados e decorados na Feira das Manas).

A gente pretende trabalhar pra dar oportunidade de outras mulheres entrarem na feira e concretizarem seus negócios (Feirante 14, 47 anos, vende bolsas e necessaires personalizadas e coordena a Feira das Manas).

A integração da mulher à sociedade não pode prender-se à instituição de leis que garantam a paridade de direitos. Para que o direito de fato se materialize em uma sociedade igualitária, é necessário apoio e colaboração para que todas tenham autonomia. O empoderamento feminino está condicionado à integração econômica das mulheres na sociedade, como também é uma plataforma que possibilita autonomia e autodeterminação, libertando-as das amarras historicamente impostas pelo patriarcado (Sardenberg, 2018). As falas das feirantes acima são apenas três exemplos da relevância de se empoderar economicamente as mulheres. Há um certo consenso discursivo nesse ponto.

Parte do “não dito” (Orlandi, 2015) é que a liberdade de ação das mulheres no espaço público está relacionada a fatores sociais e políticos que imputam, conforme o sexo/gênero de nascença, determinados padrões de comportamento. O processo de emancipação feminina demanda a resignificação do que é ser mulher para si e para os demais. O sofrimento íntimo de muitas mulheres, que se dedicaram exclusivamente ao papel socialmente atribuído a elas como mães e esposas e sentem-se incompletas, foi relatado pela acadêmica e ativista feminista estadunidense Betty Friedan (1971). O processo de emancipação das Manas lhes confere uma condição que, por vezes, desconheciam desejar. O empoderamento econômico dá a elas o apoio necessário para completar o processo emancipatório.

Emancipar mulheres é um discurso presente na Feira das Manas desde sua fundação. As publicações do grupo no Instagram reforçam a prática discursiva das participantes ao mesmo tempo que pretendem conduzir o público ao esclarecimento sobre a importância desse projeto (Figura 7).



**Figura 7.** Reprodução de publicação do perfil Instagram da Feira das Manas sobre empoderamento feminino coletivo em 21 de fevereiro de 2020.

**Fonte:** Feira das Manas (2020).

Este é um grupo de mulheres com discurso muito bem elaborado em torno do empoderamento feminino (Sardenberg, 2018). Essa elaboração explícita é parte do contexto interdiscursivo do grupo.

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras (Orlandi, 2015, p. 33-34).

A articulação interdiscursiva do empoderamento de mulheres se baseia na geração de renda enquanto promotora da estabilidade econômica, e, para as feirantes, resultou em sociabilidade e emancipação. O peso da imposição de padrões culturais, em especial sobre as mães de família e esposas, e o sentimento de que o espaço doméstico limitava seus destinos uniram as Manas.

### Considerações finais

As Manas performam um discurso coeso, mesmo sendo um grupo em constante mudança devido ao fluxo contínuo de renovação das integrantes. O que é constante e consistente está em seu discurso, que é dito e no que não foi dito, que ecoa as concepções sobre as desigualdades de gênero na sociedade, consorciado à contraposição ao modelo econômico excludente. Ao planejar e conceber uma organização exclusivamente feminina, que busca dar empoderamento econômico a mulheres em um modelo alternativo ao consumo de bens e serviços provindos de grandes conglomerados econômicos, a feira colabora para o fortalecimento das pequenas produtoras e comerciantes regionais.

A sociedade erigida sobre o binarismo de gênero, além de normalizar apenas as relações entre homens e mulheres, os transforma em dois polos opostos, imaginários e divergentes, padronizando as performances dos indivíduos. As Manas adequaram-se para romper com esse modelo por meio da desconstrução da lógica patriarcal. Produziram à sua maneira um associativismo informal e rotativo de colaboração feminina que se funda em laços que transcendem a materialidade das relações comerciais.

Cada uma das mulheres, foco desta pesquisa, se uniu ao grupo buscando empoderamento econômico e autonomia e recebeu uma rede de sociabilidade e apoio. Estes são os objetivos coletivos das Manas. A subversão da ordem patriarcal foi resultante dessa busca e é parte da construção simbólica do grupo desde seu evento fundador.

A intencionalidade exposta pelo discurso das Manas, em sua totalidade, não contempla apenas o ideário feminista. Sua formação discursiva também coloca a feira como um poderoso meio de sociabilidade e interesse recíproco, conforme George Simmel (2006), sociólogo alemão. A feira se tornou um importante ambiente de interações sociais que as aproxima umas das outras. A intensidade das emoções e das relações estabelecidas é ampliada pelo sentimento de reciprocidade, que promove a integração das mulheres. A sociabilidade e o empoderamento feminino são as duas principais vias de sustentação discursiva do grupo, mantendo-o coeso e estimulando nas participantes o sentimento de pertencimento.

## Referências

Almeida, Heloísa Buarque; Szwako, José (2012). *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia.

Carvalho, Sérgio Resende (2004). Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(4), pp. 1088-1095.

Castro, Francisco Gómez; Figueiredo, Luiz Eduardo (2016). A economia criativa como proposta de valor nos modelos de negócio. *Navus: Revista de Gestão e Tecnologia*, 6(3), pp. 111-122.

Certeau, Michel (2014). *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer* (22. Ed). Petrópolis: Vozes.

Denzin, N. & Lincoln, Y. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.

Dias, Maria O. L. S (1992). Teoria e métodos dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In A. Costa & C. Bruschini (eds.), *Uma questão de gênero* (pp. 39-53). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Eckert, Cornelia & Rocha, Ana L. C. (2008). Etnografia: Saberes e práticas. *Illuminuras*, 9(21).



Feira das Manas (2019). Se você trabalha com vendas de produtos artesanais, é mulher e tem interesse de participar desse projeto lindo faça sua inscrição! [...] As vagas são limitadas, então aproveite (recuperado em 30 de janeiro de 2023). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BsOPrreFLZt/>

\_\_\_\_ (2019). A Feira é das Manas, mas todo mundo tá convidado a ir nos prestigiar, viu? Simbora que é amanhã! (recuperado em 30 de janeiro de 2023). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bsy6OKPgpG-/>.

\_\_\_\_ (2020a). Quem aí ta com saudades? Estamos só na projeção da nossa próxima edição! [...] Falando em amor, fiquem com algumas de muitas lindas fotos tiradas na nossa última edição do ano!. (recuperado em 30 de janeiro de 2023). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7RgbiWluM-/>.

\_\_\_\_ (2020b). Vamos sim, porque juntas somos mais fortes. Ajude e marque aí nos comentários as pessoas amigas que são empreendedoras ou pequenas empresas que você indica os produtos e serviços (recuperado em 30 de janeiro de 2023). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAL4rmjFHB7/>.

\_\_\_\_ (2020c). Nossa Feira das Manas é um coletivo de mulheres que se apoiam, e buscam a cada dia agregar novas mulheres (recuperado em 30 de janeiro de 2023). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B81Nxm3lyln/>.

Flick, Uwe. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (2. Ed). Porto Alegre: Bookman.

Foucault, Michel (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

\_\_\_\_ (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.

Friedan, Betty (1971). *A mística feminina*. Rio de Janeiro: Vozes.

Friedman, John (1996). *Empowerment: Uma política de desenvolvimento alternativo*. Porto: Oeiras, Celta.

Garcia, Angela C.; Standlee, Alecea; Bechkoff, Jennifer & Cui, Yan (2009). Ethnographic Approaches to the Internet and Computer-Mediated Communication. *Journal of Contemporary Ethnography*, 38(1), pp. 52-84.

Geertz, Clifford (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Gonçalves, Anderson T. P. (2016). Análise de conteúdo, análise do discurso e análise de conversação: Estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 17(2), pp. 275-300.

Hochschild, Arlie & Machung, Anne (1998). *The Second Shift: Working Families and the Revolution at Home*. Nova York: Penguin.

Kozinets, Robert V. (2014). *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso Editora.

Lagarde, Marcela (1996). *Género y feminismos: Desarrollo humano y democracia*. Madrid: Horas y Horas.

Lima, Ricardo G. (2005). *Artesanato: Cinco pontos para discussão*. Brasília: IPHAN.

Lira, Waleska; Gonçalves, Geuda & Cândido, Gesinaldo (2007). Alianças estratégicas para o desenvolvimento sustentável. *Sociedade & Natureza*, 19(2), pp. 217-232.

Marconi, Marina; Lakatos, Eva M. (2002). *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Marinho, Paloma Abelin Saldanha & Gonçalves, Hebe Signorini Gonçalves (2016). Práticas de empoderamento feminino na América Latina. *Revista de estudos sociais*, (56), pp. 80-90.

Martelo, Emma Z. & San Román, Blanca S. (2007). Las artesanas, sus quehaceres em la organización y en el trabajo. *Revista Ra Ximhai*, 3(3), pp. 591-620.

Mills, Charles W. (1965). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

Orlandi, Eni (2015). *Análise de discurso: Princípios e procedimentos* (12. Ed.). Campinas: Pontes.

Park, Robert (1976). A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In O. Velho (ed.), *O fenômeno urbano* (3. Ed) (pp. 13-28). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Peirano, Mariza (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, 42, pp. 377-391.

Perrot, Michelle (1989). Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, 9(18), pp. 9-18.

Polivanov, Beatriz B. (2014). Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, 1(3), pp. 61-71.

Sardenberg, Cecilia Maria Bacellar (2018). O pessoal é político: Conscientização feminista e empoderamento de mulheres. *Inclusão Social*, 11(2), pp. 15-29.

Scott, Joan (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), pp. 71-99.

Simmel, Georg (2006). A sociabilidade. In G. Simmel (ed.), *Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade* (trad. Pedro Caldas) (pp. 59-81). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Silva, Mayara de Oliveira (2021). *Nas veredas da sobrevivência: Mulheres no setor da feira do Ver-o-Peso em Belém do Pará*. Dissertação de Mestrado, IFCH/Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

Soares, Vera (1994). Movimento feminista: Paradigmas e desafios. *Revista de Estudos Feministas*, n. especial, pp. 11-24.

Sorj, Bila (1992). O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In A. Costa & C. Bruschini (eds.), *Uma questão de gênero* (pp. 15-23). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Vedana, Viviane (2013). Fazer a feira e ser feirante: A construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. *Horizontes Antropológicos*, 19(39), pp. 41-68.

Vinuto, Juliana (2016). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), pp. 203-220.

Vieira, Geruza S. O. (2014). *Artesanato: Identidade e trabalho*. Tese de Doutorado, PPGS/ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.

Teixeira, Luís F. C. (2009). A formação de Palmas. *Revista UFG*, 11(6), pp. 91-99.

Recebido em: 11 de fevereiro de 2023.

Aceito em: 20 de junho de 2023.

## Feira das Manas: empoderamento feminino, emancipação, união e sociabilidade nos discursos de pequenas produtoras em Palmas/TO

### Resumo

O presente artigo realiza Análise de Discurso (AD) nas manifestações públicas e entrevistas com um grupo de mulheres, pequenas produtoras do ramo da economia criativa, da “Feira das Manas”, que se organizaram em busca de empoderamento econômico e social. A pesquisa se utiliza da netnografia (Kozinets, 2014), da etnografia e de entrevistas semiestruturadas para a produção de dados e dos pressupostos da AD para compreender, para além do dito, o não dito e o sentido do que foi percebido a partir dos dados produzidos. Notamos que são fundadores da coesão entre as participantes fatores como: o empoderamento feminino, a emancipação, a união e a sociabilidade. Os vínculos sociais mantidos no grupo se transformaram em componente central de sua união, mudando as suas vidas de maneira inesperada, redirecionando a atividade da feira e dando sentido para existência das Manas, para além do empoderamento feminino e econômico.

**Palavras-chave:** análise de discurso; empoderamento feminino; sociabilidade; mulheres; economia criativa; feira de artesanato.

## Feira das Manas: female empowerment, emancipation, union and sociability in the speeches of small producers in Palmas/TO

### Abstract

This article performs Discourse Analysis (DA) in public demonstrations and interviews with a group of women, small producers in the creative economy branch, from “Feira das Manas”, who organized themselves in search of economic and social empowerment. The structure uses netnography (Kozinets, 2014), ethnography and semi-structured interviews to produce data and DA budgets to understand, beyond what is said, what is not said and the meaning of what was perceived from the data produced. We note that they are founders of cohesion between participating factors such as: female empowerment, emancipation, union and sociability. The social bonds pleaded in the group became a central component of their union, changing their lives in an unexpected way, redirecting the activity of the fair and giving meaning to the existence of the Manas, beyond female and economic empowerment.

**Keywords:** discourse analysis; female empowerment; sociability; women; creative economy; craft fair.